

Òrunàiyé: o terreiro enquanto referência para a criação artística

Karina Constantino Brisolla¹

Òrun significa céu e Àiyé, terra. Òrun é, então, entendido como o mundo espiritual e o Àiyé o mundo físico em que vivemos. Relaciono ambas palavras de origem yorubana a compreensão platônica do Mundo das Ideias e o Mundo Sensível, uma vez que dentro dos *Ilês*, casas de Santo, terreiros e barracões essas concepções também explicam a separação de dois mundos.

Contudo, apresento as palavras escritas juntas: *Òrunàiyé*, negando o corte epistemológico proposto por Platão que dividiu o mundo mental do mundo sensível, me aproximando do pensamento proposto por Ludwig Wittgenstein e Friedrich Nietzsche que defendem o ser humano como uma unidade psicofísica.

Partindo deste princípio, o Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô, onde sou *lyàwó* – filha de santo –, localizado na cidade de Jaguarão/RS, abriu suas portas durante cinco dias para a realização de oficinas que foram aplicadas com duas crianças que se relacionam com o aquele espaço sagrado desde o nascimento. O objetivo geral das oficinas ministradas se firmou no despertar artístico e teve como disparador a própria orixalidade das crianças participantes, Isabela e Rafaela. Assim, cheguei com a proposta de criarmos um caderno de artista onde registraríamos narrativas visuais do cotidiano do terreiro em que ambas cresceram.

1

Karina Constantino Brisolla é artista visual e pesquisadora. Formada no Bacharel em Produção e Política Cultural pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Atua na linha de pesquisa em Educação em Artes e Processos de Formação Estética onde dedica-se à olhar para o terreiro enquanto um espaço de referência para a criação artística, atentando-se para o imaginário produzido pela criança de terreiro. Vem se dedicando a construção de novas metodologias que combatam o racismo religioso e a colonização cognitiva e social através da arte educação. É também Integrante do Grupo Cultural Abi Axé e *lyàwó* no Ilê Axé Mãe Nice D'Xangô em Jaguarão/RS, na fronteira Brasil/Uruguai. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3792563669084453> contato: kcbisolla@gmail.com





Figura 1 – Feito por Rafaela, de 6 anos que afirmou ao iniciar: “Eu vou fazer a mamãe Oxum da minha irmã, e a minha mamãe Iansã. Elas também são irmãs, que nem eu e a Isa.”.

Seguindo um preceito fundamental de uma casa de axé, *Kò sí ewé, kò sí Òrìsà* – sem folha não tem Orixá –, o primeiro ponto trabalhado foi a própria materialidade do caderno e suas folhas, ensinando-as todo o caminho que se percorre até que uma folha de papel esteja pronta para ser utilizada, relacionando arte, natureza e o candomblé. Em seguida cada uma construiu seu próprio caderno.

Òrunàiyé: o terreiro enquanto referência para a criação artística
Matéria escorregadia
Karina Constantino Brisolla



Figura 2 – Ossãe, Orixá das folhas, feita pela Iyalorixá Nice D’Xangô após a oficina quando as meninas chamaram a avó pra desenhar.



Figura 3 – Registro de ambos os cadernos feito ao final do ciclo de oficinas.



Figura 4 – Detalhes do caderno.

Nos dias que se seguiram, foi lembrado a forma como as histórias dos Orixás sobreviveram até os dias de hoje e a importância da oralidade na cultura afro-brasileira, em especial para a religião de matriz africana. Instigando as meninas a pensarem na árvore genealógica da própria família de santo, busquei ressaltar a importância do papel delas na perpetuação dessas narrativas que foram passadas de geração em geração.



Figura 5 – Feito por Isabela de 8 anos. “Vou fazer Xangô e Oxum da vovó!”

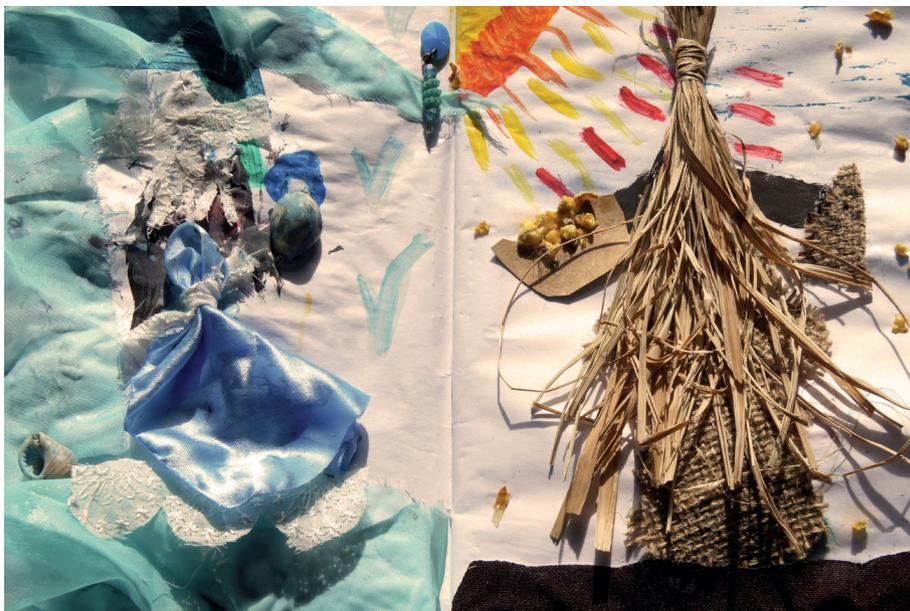


Figura 6 – Yemanjá e Obaluayê feito por Isabela, após ouvir a história contada pela Iyalorixá Nice D’Xangô, avó biológica das meninas e dirigente do terreiro onde as oficinas ocorreram.

Como esta atividade foi direcionada para crianças que tem familiaridade com essas histórias, meu papel ali foi instigar que as meninas registrassem, através de desenhos e colagens, as narrativas as quais já tinham conhecimento. Fazendo-as compreender que as histórias passadas por toda a linhagem da família de santo podem ser contadas e revividas também através de narrativas visuais.



Figura 7 – Reino dos Orixás, feito por Rafaela.

As oficinas realizadas são parte do estudo que estou desenvolvendo no Mestrado em Artes Visuais, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética sob a orientação da prof^a Dr^a Nádia da Cruz Senna. Nesta pesquisa realizo uma reflexão sobre a colonização cognitiva e social em um estudo de caso a partir da experiência vivenciada nestas oficinas que ministrei. À luz do pensamento de Luiz Rufino sobre a Pedagogia das Encruzilhadas, bem como dos estudos decoloniais, desejo fomentar o ensino das artes em detrimento da aplicação da Lei nº10.639, objetivando contribuir com a construção de novas metodologias que pensem o combate ao racismo religioso e a descolonização dos currículos.



Figura 8 – Oxumaré, feito por Isabela.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Denise Maria Barreto; Santos, Eleonora Campos da Motta. **Epistemologias não-cartesianas na interface artes-humanidades**. Repertório Teatro & Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA: Salvador, 2010. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4666>. acessado em 30 de setembro de 2020.

JESUS, Thiago Silva de Amorim; FRANKEN CORRÊA, Josiane Gisela. **No Corpo Do (Con)Texto**: Do Tempo Cotidiano, Do Tempo Espetacular. Cena, [S. l.], n. 22, p. 185, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2236-3254.72666>

Orunàiyé: o terreiro enquanto referência para a criação artística
Matéria escorregadia
Karina Constantino Brisolla

MIGNOLO, Walter D.. **COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 32, n. 94, e329402, 2017 .

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Mórula Editorial: agosto, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo , n. 79, p. 71-94, Nov. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004&lng=en&nr m=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

